

2050 China: Becoming a Great Modern Socialist Country

U, Angang; Shenglong Liu; Xiao Tang; Yilong Yan; et al. 2050 China: Becoming a Great Modern Socialist Country. Singapore: Springer Singapore, 2021. 105 p.

Pedro Martinez*

Nos estudos de ciência política e relações internacionais, a consolidação do poder chinês é uma das máximas que definem este século. Não é possível analisar o grande jogo das potências globais sem contextualizar a ascensão de um país de características tão únicas como o gigante asiático. Hu et al., no contexto do 19º Congresso Nacional do Partido Comunista chinês, aprofundam a visão oficial do maior partido comunista do mundo sobre o mundo e, principalmente, sobre si.

É um momento interessante de se analisar o caminhar do projeto de longo prazo do povo chinês. O primeiro dos dois grandes centenários acaba de ser concluído, e podemos olhar para os objetivos traçados, além de pôr em perspectiva as metas da segunda grande data. O nascimento do Partido Comunista chinês, em 1921, e da República Popular, em 1949, são pontos centrais da discussão da consolidação do projeto de poder socialista.

Está claro que, nos centros de discussão de poder, a opção do povo chinês por uma alternativa ao sistema capitalista majoritário é uma opção consciente e, em simultâneo, pragmática, criando o chamado “socialismo com características chinesas”. Este possui planejamento extenso para a extinção da pobreza e eliminação das desigualdades internas entre regiões e entre campo e cidade, mas, em simultâneo, se orgulha ao se abrir ao mundo e permite o enriquecimento pessoal e a iniciativa econômica.

Como consequência, surge uma grande quantidade de análises ocidentais que argumentam que a origem da pujança econômica e social que impressiona o mundo seria obra de uma economia capitalista de mercado que se disfarça ideologicamente. Em *2050 China: Becoming a Great Modern Socialist Country*, encontramos explicações sobre como a modernização e rejuvenescimento da China se dá em princípios socialistas e dentro de uma análise pragmática da realidade.

Na expectativa de desenvolvimento em um contexto de mudanças rápidas e consequentes para a humanidade, um conceito central, espalhado ao longo do texto,

* Mestre em Economia Política Internacional e formado em Relações Internacionais pela Universidade do Rio de Janeiro. Correio eletrônico: pedrojamartinez@hotmail.com. Orcid <https://orcid.org/0000-0002-3350-2942>

é o de desenvolvimento orientado para o ser humano. A nação que mais cresceu nas últimas décadas procura articular crescimento econômico e melhoria objetiva da vida da sua população, para que andem de mãos dadas. Seu desenvolvimento tardio ainda possui papel importante na realidade atual do bem-estar do povo chinês, que ainda tem o PIB per capita abaixo da média da economia mundial.

2050 China adota, em sua análise sobre a posição atual do país no sistema internacional, o mito de uma nação que possui uma continuidade excepcional e uma cultura superior como características que lhe possibilitariam alcançar o topo em poder e influência no concerto de nações. Nada muito diferente de inúmeras narrativas criadas em torno do nacionalismo. Para reverenciar o projeto socialista chinês e sua contribuição ao planeta e aos seres humanos, não é necessário justificar com narrativas infladas.

A liderança do Partido Comunista chinês defendendo e conquistando um desenvolvimento centrado no ser humano, ao invés de indicadores de crescimento econômico, e ao atuar para a eliminação da pobreza e o desenvolvimento avançado dos seus sistemas sociais demonstra, na prática, que possui um projeto de poder que resulta em conquistas concretas e consegue alcançar índices de prosperidade humana comparativamente mais expressivos que o resto do primeiro mundo.

Essa ambição de não só alcançar, mas ultrapassar países ditos desenvolvidos, tem consequências que talvez ainda não sejamos completamente capazes de compreender. *2050 China* demonstra o não contentamento do partido com nada que não seja a demonstração de superioridade do seu sistema de desenvolvimento. Sistema esse que, apesar de reivindicar uma maneira própria de socialismo, nomeia entre seus objetivos o alcançar de uma sociedade “pantissocrática”, uma espécie de governo de todos, mas que foge de maneira consciente de conceitos ligados à esquerda histórica. Da mesma forma, se deixa de utilizar para fins oficiais, como conceito, a expressão “luta de classes”, de maneira a “modernizar” o discurso do país.

A imagem completa da realidade chinesa não está somente nos seus sucessos, mas também nas suas dificuldades; o caminho para a sua modernização tardia teve capacidade de aprender com países desenvolvidos, seus erros e acertos. Por fim, chega-se a um pensamento estratégico com detalhamento específico, porém baseado em valores essenciais ao partido e ao país para introduzir a China no concerto das nações: uma nação grande demais para estar isolada. A partir do 13º Congresso, o partido buscou uma posição prática de abertura política e econômica ao mundo.

Esse pensamento estratégico de médio prazo toma forma com diversos planos, como as quatro modernizações (1964 – 2000) e a estratégia de três passos de um país socialista moderno (1980 – 2050). Atualmente, China atua nas duas metas

centenárias (2020 – 2050), em simultâneo aderindo à estratégia de duas fases para um país socialista moderno em uma nova era (2020 – 2050). Todos esses planos são públicos e andam em paralelo, para resultar em uma transformação ainda mais profunda da sociedade e do povo chinês. É necessário entender a grande contradição que a China encontra em seu futuro, entre o desenvolvimento desequilibrado e a necessidade da melhoria das condições de vida de quase um bilhão e meio de pessoas. O entendimento é que se chegou ao fim de uma primeira fase do socialismo à maneira chinesa. As conquistas que permitiram uma sociedade rural e pobre ser alavancada a status de potência global agora serão as bases de uma modernização com metas ambiciosas para seu primeiro centenário: a consolidação das bases econômicas de desenvolvimento para a melhoria das condições de vida da população, criando a maior classe média do mundo, e projetar ainda mais sua influência, liderando o planeta na transição energética que retirará o planeta da crise ambiental causada pelo aquecimento a níveis globais, ao mesmo tempo abrindo-se culturalmente e passando pela transição para a economia que exporta serviços ao invés de bens. Para isso, investe-se de maneira massiva em uma política cultural e educacional de massa.

As mensagens expostas, de uma maneira ou de outra, mostram uma ambição que possui motivos para ser. O teor oficialista do texto não necessariamente prejudica sua mensagem; é essencialmente o que se propõe: expor a visão oficial desse momento transicional e crucial. É incompleto, porém, dentro de uma perspectiva global da China, com seus desafios existenciais para este século. Não é mencionada em nenhum momento sua fronteira marítima; outra questão existencial, a dívida demográfica que será paga na próxima geração, é citada de maneira breve. São apenas duas questões, entre outras, que representam aspectos sob pouco controle do *politburo*, sendo justamente essas questões que podem ameaçar a capacidade chinesa de poder sobre seu povo e território. A diminuição considerável de população economicamente ativa na próxima geração afetará significativamente o sistema de segurança social e o potencial de crescimento econômico. Essa não é uma exclusividade do país em questão, mas qualquer análise de desenvolvimento futura necessita incluir essa temática.

Além disso, ao contrário do seu competidor direto na liderança do sistema internacional, a China precisa contínua e assertivamente demarcar seu interesse no controle de sua fronteira marítima, a linha de nove raias, sob ameaça de perder controle de rotas indispensáveis para sua economia. Da mesma forma, a existência do governo da República da China (ROC), corpo governante *de facto* da ilha de Formosa, como ponto de conflito remanescente da guerra civil é aspecto central das perspectivas de projeção global da República Popular da China (RPC) e dos

seus representantes internacionalmente conhecidos. A proximidade e a relevância geoestratégica de Taiwan com a parte principal do território da China, somada à importância tecnológica e econômica de alto valor agregado de sua indústria de semicondutores fazem essa tensão ter alta capacidade de escalada. O governo de Xi Jinping, ao mesmo tempo em que impõe internacionalmente a posição de detentor legítimo da ilha e seu povo, atua de maneira paciente e cautelosa, mantendo uma perspectiva de longuíssimo prazo que vem dando resultados, como a recuperação dos territórios de Macau e Hong Kong. Não há como analisar a questão de Taiwan em termos de meses ou anos. A paciência de um governo que acredita estar atuando como legítimo herdeiro e representante de um povo de cinco mil anos que busca reaver terra que acredita ser sua de direito é longa e precisaria de capítulo à parte para entendê-la, mas não é ousadia argumentar que as próximas décadas serão de eventos de altíssima relevância nesse *front*, dada a projeção de liderança econômica e militar incontestante do governo da China.

A ausência de temas tão importantes quanto sensíveis representa, portanto, um buraco a ser preenchido no discurso do Estado. Essa potência socialista já provou ao mundo que possui virtudes em sua governança. *China 2050* é uma produção que busca demonstrar de maneira objetiva exatamente isso. O futuro chinês, porém, possui desafios tão pujantes quanto suas conquistas. A China de Xi Jinping sabe disso, mas age com cautela em um século em que já é a protagonista do cenário internacional. Protagonismo esse que traz um discurso de abertura, de valorização do desenvolvimento humano, da responsabilidade ambiental e da redução das desigualdades internas e externas. Valores que, se seguidos nas próximas décadas, põem a China em uma posição de liderança baseada em qualidades muito diferentes das de seus antecessores.